

Um olhar fotográfico: das relações presenciais ao ensino remoto em tempos de pandemia.

A photographic look: from face-to-face relationships to remote learning in times of pandemic

Josias Marinho de Jesus Gomes¹, Amanda Evelyn Oliveira do Nascimento², Cassiane Antônia Corrêa Marques.³

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão sobre o ensino de artes visuais no contexto do Ensino Remoto Emergencial, ERE, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima, CAp/UFRR, oriunda de um projeto intitulado Um olhar fotográfico que envolveu sete turmas do Ensino Fundamental Anos Finais e, ainda, acolheu a atuação de cinco bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID. As atividades foram desenvolvidas, principalmente, em formato de tarefas e fóruns. Finalmente, as imagens apresentadas pelos estudantes apresentam construções simbólicas que dialogam com suas subjetividades entre o ver e o olhar (TIBURI, 2011) e as transformações que fazem no espaço que habitam (BERQUÓ, 2016).

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; ensino de arte; ensino remoto emergencial;

ABSTRACT: *This article presents a reflection on the teaching of visual arts in the context of Emergency Remote Education, ERE, at the Colégio de Aplicação of the Federal University of Roraima, CAp/UFRR, originating from a project entitled “A photographic look” that involved seven classes of Elementary School Years Finals and also hosted the performance of five scholarship holders from the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarship, PIBID. The activities were developed mainly in the form of tasks and forums. Finally, the images presented by the students present symbolic constructions that dialogue with their subjectivities between seeing and looking (TIBURI, 2011) and the transformations they make in the space they inhabit (BERQUÓ, 2016).*

KEYWORDS: *photography; art education; emergency remote learning;*

INTRODUÇÃO

¹ Professor Mestre Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima. ORCID: 0000-0003-3362-7734. E-mail: josias.marinho@ufrr.br

² Bolsista PIBID/Artes Visuais/UFRR, ORCID: 0000-0002-7703-9371. E-mail: amandaevelyn77@gmail.com

³ Bolsista PIBID/Artes Visuais/UFRR, ORCID: 0000-0003-2985-6956. E-mail: cassiane.amarquesca@gmail.com

Um olhar fotográfico faz parte das ações extraclasse do componente curricular Arte no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima – CAp/UFRR. Essas ações são estratégicas didáticas para ampliar os estudos apresentados dentro do período regular. Assim, os estudantes podem experimentar ainda mais a criação e a discussão conceitual e histórica a partir de alguns assuntos e/ou técnicas artísticas. No ano de 2019 em uma das aulas sobre fotografia e novas tecnologias com a turma 1182, turma de oitavo ano do Ensino Fundamental Anos Finais do CAp, algumas alunas acabaram se destacando e foram convidadas a participar de alguns encontros para pesquisar a fotografia nas artes visuais. Nesses encontros construímos alguns estímulos para a produção fotográfica: funcionalidades do próprio celular para capturar e editar fotografias, trabalhar filtros em tons de cinza para observar e explorar, principalmente, as áreas de maior contraste nas imagens, refletir sobre a “feiura”, para alguns, da fotografia em preto e branco, produzir a partir de temas e, também, exercitar a curadoria. Assim, a experimentação buscou criar vivências e argumentos para entender e conceituar a fotografia como arte a partir das subjetividades. Ou seja, os objetivos foram ao encontro de construir um olhar diferenciado para o ato de fotografar, ampliação do repertório sobre fotografia como arte, conceituação da fotografia como arte, criticidade e, finalmente, a curadoria e a relação com espaços expositivos físicos e virtuais. Ao final, essa primeira experiência resultou em um projeto organizado já previsto para o planejamento escolar anual.

ORGANIZANDO OS ÂNGULOS

O projeto buscou incitar nos olhares desses estudantes uma investigação poética para lidar com o cotidiano e os ambientes por eles frequentados e, agora, transformados em potenciais experiências estéticas. Nesse ínterim, a proposta metodológica buscou traçar problematizações a partir do espaço entendido como particular para cada um dos envolvidos, dialogando com o espaço do outro.

Em que medida o fazer artístico atravessa a vida cotidiana? Como esses cruzamentos operam e qual é a sua potência em promover questionamentos críticos em torno ao modo como o espaço urbano é vivido e produzido? [...] Nos dois volumes de sua obra (Michel de Certeau, 1994) *A invenção do cotidiano*, o autor dedica-se à análise da dimensão política das práticas ou maneiras de fazer cotidianas, empreendendo, para isto, uma distinção entre tática e estratégia. Para ele, trata-se de duas modalidades de ação, as quais promovem diferentes tipos de operações no espaço: enquanto a estratégia produz, mapeia e impõe um espaço próprio, a tática utiliza e altera o espaço existente. Uma ação tática intervém, assim, no próprio campo que a controla, introduzindo a esse patamar regulatório primeiro um nível outro, que obedece a regras distintas e instaura, no lugar mesmo de sua dominação, uma pluralidade de possibilidades. (BERQUÓ, 2016. P. 104)

Utilizamos esse conceito para que o estudante tivesse uma experiência artística mais elaborada com o ato de fotografar a si mesmo, o outro e o ambiente em suas particularidades. Dialogando com Berquó (2016), entendemos que o sentido de estratégia poderia construir possibilidades para o reconhecimento do próprio espaço habitado, frequentado por aquele estudante e, a partir disso, produzir imagens reveladoras de um olhar, de uma lembrança, de uma relação íntima com as pessoas, com os objetos e como o todo (ambiente). Construindo metáforas a partir do reconhecimento desse espaço como seu e, por outro lado, alheio ao outro. Já o conceito de tática, também, foi entendido na relação com a produção fotográfica do colega. Uma ação de propor possibilidades fotográficas para aquele espaço e, ainda, inserir um olhar crítico para dialogar com as imagens produzidas pelo outro. Assim, a proposta didático-metodológica se dá em sua completude ao criar vínculos com o fazer, com a crítica e, finalmente, com a curadoria para uma mostra das fotografias selecionadas. Seguindo com esse entendimento, a estratégia e a tática se complementam quando o estudante se percebe em seu próprio ambiente e envolvido em uma proposta poética. Grande parte dos alunos nos relataram que dividem o espaço de dormitório (que se tornou espaço para o estudo remoto, em alguns casos) e o espaço de estudos com outros moradores da casa. Enquanto o dormitório costuma ser dividido com irmãos ou algum outro parente com idade semelhante, o espaço para estudos era dividido com os pais/responsáveis que, também, estavam em trabalho remoto. Configurando uma zona de conflitos no sentido da ocupação daquele espaço em determinados horários do dia e da noite. Nessa realidade, a estratégia pode ser aplicada no sentido de organizar um espaço para os estudos entre essas duas realidades. Já a tática dialogaria diretamente com a nossa proposta de se envolver com aquele espaço e outros possíveis dentro do perímetro residencial. Um conjunto de ações para intervir com um olhar direcionado e mais criterioso no espaço já construído ou imposto para ele como campo de estudos, campo de circulação durante o horário reservado para o estudo remoto. Ou seja, a arte propondo uma interação ampliada com o espaço, uma tática que pudesse oferecer possibilidades para uma experiência fotográfica contemporânea.

Tuane Eggers (Rio Grande do Sul, 1989), Eustáquio Neves (Minas Gerais, 1955) e Sebastião Salgado (Minas Gerais, 1944) foram as principais referências para a discussão sobre o poético na fotografia. Na construção do processo criativo, alguns temas serviram como centelha para os olhares: ambiente, objetos e pessoa ou animal. Temas imediatamente banais, aparentemente, mas suficiente para que cada estudante pudesse buscar uma possibilidade, um caminho para sua criação. Aqui destacamos a diferença trabalhada entre o ver e o olhar de acordo com Tiburi (2011):

A diferença entre ver e olhar é tanto uma distinção semântica que se torna importante em nossos sofisticados jogos de linguagem tomados da tarefa de

compreender a condição humana – e, nela, especialmente as artes –, quanto um lugar comum de nossa experiência. Basta pensar um pouco e a diferença das palavras, uma diferença de significantes, pode revelar uma diferença em nossos gestos, ações e comportamentos. (S/P.)

Partimos do pressuposto que os estudantes não mantinham uma atenção visual e, ainda, que não dispunham de uma investigação mais elaborada, conscientemente, ao fazer uma fotografia buscando a elaboração de uma plasticidade.

Mas se as artes nos ensinam a ver – olhar, é porque nos possibilitam camuflagens e ocultamentos. Só podemos ver quando aprendemos que algo não está à mostra e podemos sabê-lo. Portanto, para ver olhar, é preciso pensar. (TIBURI, 2011, s/p.)

Nesse ínterim, a educação do ver no sentido de olhar nos é cara para todo o contexto do ensino de artes visuais, enquanto sujeito de uma experimentação em criação e, não menos importante nesse processo didático, e construtor de subsídios críticos para seu próprio trabalho e para com o do outro. Assim,

A lentidão é do olhar, a rapidez é própria ao ver. O olhar é feito de mediações próprias à temporalidade. Ele sempre se dá no tempo, mesmo que nos remeta a um além do tempo. Ver, todavia, não nos dá a medida de nenhuma temporalidade, tal o modo instantâneo com que o realizamos. Ver não nos faz pensar, ver nos choca ou nem sequer nos atinge. As mediações do olhar, por sua vez, colocam-no no registro do corpo: no olhar – ao olhar - vejo algo, mas já vitimado por tudo o que atrapalha minha atenção retirando-a da espécie sintética do ver e registrando-a num gesto analítico que me faz passear por entre estilhaços e fragmentos a compor – em algum momento – um todo. (TIBURI, 2011, s/p.)

Assim, essa vivência pôde ser experienciada de uma maneira mais elaborada para com o intuito de construir um conhecimento a partir das potencialidades plásticas apresentadas por cada um dos estudantes e as possibilidades de vivenciar e modificar o ambiente em que se encontravam durante o isolamento social. A lentidão desse olhar mais elaborado foi extremamente necessária para um melhor aproveitamento da proposta que não se resumia em cumprir uma tarefa para pontuação bimestral, mas que buscava construir possibilidades para uma experimentação poética que pudesse ser divertida e, também, envolver outros moradores/parentes naquelas ações.

SUBJETIVIDADES FOTOGRAFADAS E AS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DO PIBID

Essa elaboração e experiência foi reelaborada para a realidade do Ensino Remoto Emergencial, ERE, em decorrência do isolamento social para o combate da pandemia do novo Coronavírus, SARS-COV-2, e, ainda, possibilitando uma relação de ensino-aprendizagem com os bolsistas do PIBID, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, da UFRR. Nessa

conjuntura onde toda a população se viu obrigada a manter o isolamento como medida preventiva para a não contaminação pelo Coronavírus, vimos as relações sociais escolares e familiares dos estudantes serem bruscamente afetadas e transformadas. Consequentemente, a educação escolar teve que se adaptar às novas condições e metodologias foram retomadas, alteradas e/ou criadas a fim da retomada do ano letivo e readequação dos alunos em ambientes de ensino. O componente curricular Arte, nessa realidade, também buscou adaptações no ensino, principalmente, no que diz respeito ao fazer artístico. Considerando a vulnerabilidade social e financeira de alguns estudantes, além de outras situações, buscamos alternativas para que a criação não ficasse tão prejudicada, pois muitos alunos não dispunham de materiais plásticos em suas casas. Vimos assim, uma oportunidade para a retomada e redimensionamento do projeto em caráter totalmente virtual. A proposta foi feita para todas as turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental do CAp, ou seja, foram envolvidos quase duzentos alunos regularmente matriculados no sexto, sétimo, oitavo e nono anos.

O projeto foi desenvolvido em um prazo de dois meses e proposto da seguinte forma, em ordem cronológica: definição de fotografia; conceituação da fotografia como arte; referências artísticas; experiência estética com as fotografias da 1ª edição; definição de critérios, temas e produção das primeiras imagens; orientação e definição do trajeto a partir das imagens apresentadas; produção e apresentação das imagens finais; curadoria e mostra virtual.

Dessa proposta destacamos a experiência estética com as fotografias da 1ª edição, onde os estudantes foram convidados a escolher uma das imagens e elaborar uma análise formal da imagem e, não menos importante, expressar subjetivamente quais sensações, inquietações e conexões aquela imagem possibilitava. Como critérios, definimos que as imagens deveriam ser em formato quadrado e em preto e branco. Os temas propostos foram: ambiente, objeto e pessoa/animal. Cada um deveria produzir algumas imagens sob cada um dos três temas, escolher as três melhores e submeter à nossa apreciação (professor e bolsistas). Em nosso turno, tecemos comentários instigadores sobre cada imagem e definimos um dos temas a ser seguido para a produção das imagens finais. Com um período mais extenso para essa fase final, os alunos buscavam mais orientações e produziram fotografias sob o tema definido. Dessas fotografias feitas, eles escolheram as cinco melhores e submeteram para a curadoria. O processo de curadoria para a mostra virtual foi, exclusivamente, realizado pelos bolsistas do PIBID.

Nesse processo de curadoria podemos destacar alguns aspectos que foram importantes para o julgamento do trabalho submetido e, consequentemente, resultando em pontos de reflexão para os bolsistas do PIBID. É importante frisar que nesse processo não se considerou aspectos puramente técnicos da fotografia. Os estudantes foram incentivados a pensar em imagens que pudessem promover algum significado ou mensagem, considerando suas experiências individuais e estéticas.

As imagens registradas pelos estudantes refletem muito o momento de pandemia e isolamento social que estamos vivendo hoje. As fotos com tema ambiente revelaram um olhar observador para as ruas, as avenidas e a cidade vazias, sombrias e melancólicas. Essa mudança na paisagem visual urbana registrada pelos estudantes decorre das medidas de isolamento social, fechamento de comércio e serviços não essenciais e restrição de circulação que esvaziaram as ruas para evitar a propagação do novo coronavírus. Ainda nesse eixo temático, observamos imagens do céu em composições com nuvens e vegetação, outras vezes, a paisagem urbana surge com destaque para o céu, o que nos leva a pensar que com a rotina desacelerada as pessoas observam mais o que está em sua volta, assim como nos fez perceber que a diminuição do barulho na cidade fez com que o canto dos pássaros ficasse mais evidente e o céu de Roraima ainda mais nítido. São efeitos desses tempos que afetaram os estudantes durante as experimentações.

No tema animais e pessoas, percebemos um grande número de fotografias de animais domésticos, onde pudemos identificar o estreitamento do vínculo entre as pessoas e seus animais de estimação, que passaram a ter companhia 24 horas por dia e se tornaram grandes aliados para enfrentar os impactos emocionais causados pelo medo, angústia e insegurança neste momento tão desafiador.

O desenvolvimento do tema objetos pelos alunos nos trouxe, na maioria das vezes, objetos na escrivaninha, bibelôs, computadores, copos, dentre outros itens que faziam do quarto um cenário, o que nos leva a pensar que este tem sido o ambiente em que eles estão convivendo com bastante frequência nesse momento. Um trabalho que fugiu à regra sobre esse tema e que chamou atenção foi uma sequência de imagens de um boné, sob várias perspectivas, que aparecia em meio às árvores e ao céu acinzentado. A composição das imagens nos levou a pensar no boné enquanto um objeto de proteção, e, inevitavelmente ao uso de máscara, aos cuidados com a saúde que precisam ser redobrados e a ideia de cobertura para a cabeça como uma metáfora para o cuidado com o estado mental de cada um. Esse pensamento nos encaminhou para a reflexão sobre como o contexto de pandemia têm aumentado a desigualdade social no Brasil, e nos perguntamos como as pessoas em vulnerabilidade social, financeira e em situação de rua, desassistidas e desprotegidas, têm passado por tudo isso neste momento.

Na turma 1191 do nono ano, se sobressaíram algumas questões nas escolhas técnicas das fotografias apresentadas. Interessantemente, a composição das fotos apresentava uma narrativa, deixando de ser apenas uma foto indeterminada, aleatória e sem propósito plástico. Nessas composições, os planos construídos pareciam bem definidos. Algumas com o segundo plano mais desfocado, dando destaque para o elemento principal, mas sem tirar a oportunidade de observar os planos secundários, demonstrando uma experimentação técnica cuidadosa. As fotografias com tema ambiente possuíam uma linha do horizonte realçando os elementos da composição. No tema objeto

e pessoa/animal, o enquadramento dialogava como a técnica da regra dos terços utilizada comumente para a distribuição dos elementos e massas pictóricas na composição.

DIALOGANDO COM OS RESULTADOS.

As experimentações nos deslocamentos, nos percursos, nos lugares como experiência subjetiva têm se tornado um dos resultados mais exponenciais do projeto. Nos aproximando de um diálogo mais próximo com a mediação do olhar (TIBURI, 2011) em ambiente de educação em arte. Onde esse olhar pode ser maturado com a ampliação do repertório de produção artística. Em nosso caso, a apresentação de fotógrafos que utilizam esse suporte para pensar e produzir arte produziu um alargamento das possibilidades dos pensamentos dos estudantes ao buscar referências nesse assunto. Alguns pontos foram mais expressivos ao se depararem com esses artistas: a idade e o local de nascimento e atuação. Pois alguns deles eram jovens artistas e outros eram artistas locais, causando uma aproximação mais curiosa e palpável com a fotografia em discussão. Concomitante à descoberta dos artistas, os questionamentos sobre o que poderia ser uma fotografia artística e as possíveis diferenças de uma fotografia “comum” (grafamos a palavra comum entre aspas para não excluir o uso da fotografia em outras situações da poética artística. Onde, por exemplo, alguns artistas se apropriam de fotografias de acervos familiares, museológicos e/ou outros, para produzir diálogos, metáforas e ressignificar o campo simbólico daquele objeto). Assim, concordamos que a discussão sobre o ver e o olhar de Tiburi (2011) não se restringe ao aspecto físico da visão e, também, não se estanca em problematizar a contemplação em si mesma. Ao contrário disso, o que chamamos de mediação do olhar propõe uma experiência estética com obras de arte, uma sensibilidade mais apurada e crítica para a criação em arte e, não menos importante, a ampliação do discurso crítico e histórico da arte. O que nos leva a refletir sobre a relação dos estudantes com os ambientes onde estão em isolamento (figura 01). Pois durante o diálogo sobre as imagens apresentadas um dos aspectos interessantes no tema ambiente foi a exploração que fizeram em quintais, muros e pastos. Alguns enviaram as fotografias e pequenos textos descrevendo a escolha e, em certos momentos, justificando o motivo de estarem ocupando aquele espaço em determinados horários do dia. Essa ocupação estava ligada à organização de uma espécie de cronograma compartilhado entre os familiares. A fala deles se aproximava de algo em torno de “estou aqui porque meus pais estão trabalhando em outro cômodo; estou aqui no sítio desde o início da pandemia e tenho um horário definido para acessar a internet”; entre outros argumentos referentes aos ambientes. Um outro aspecto, não menos importante, mas que não discutiremos nesse artigo, foi a apropriação indevida de imagens disponíveis na web. O destaque rápido a esse aspecto é no

intuito de vislumbrar algumas questões que permeiam o Ensino Remoto e que, também, dialogam com um dos graves problemas sofridos pela sociedade mundial referente à autoria e autenticidade e a veracidade das informações propagadas nas redes sociais. Evidentemente, tivemos que conversar em particular com alguns estudantes e seus responsáveis sobre essa situação.

Abaixo destacamos algumas fotografias selecionadas para a exposição.

Figura 1: Anthony Cledes Santos Silva, T1182, 2020. Fotografia digital.



Fonte: acervo Um olhar fotográfico.

Figura 2: Kalil dos Santos, T1191, 2020. Fotografia digital.



Fonte: acervo Um olhar fotográfico.

Na figura 02 o estudante do nono ano, Kalil, explorou as possibilidades poéticas e narrativas na fotografia de objetos. Para isso, ele escolheu fazer uma montagem com seus brinquedos preferidos e explorou uma certa dramaticidade possibilitada pela projeção das sombras dos bonecos. Esses personagens ocupam a parte central e inferior da imagem, distribuídos de uma forma que sugere um encontro, um confronto, alguma relação entre o grupo. Segundo a irmã do aluno que o auxiliou no trabalho, ele não queria que os brinquedos brigassem entre si. Pois deveriam permanecer amigos. Em sua composição a sombra ocupa um espaço significativo na fotografia, causando um achatamento do grupo de Tartarugas Ninjas e, potencialmente, nos proporcionando uma silhueta onde a espada aparece imponente para um possível enfrentamento físico iminente.

Figura 3: João Pedro Almeida Nascimento, T1182, 2020. Fotografia digital.



Fonte: acervo Um olhar fotográfico.

Figura 4. Tairis Lima Brito, T1182, 2020. Fotografia digital.



Fonte: acervo Um olhar fotográfico.

A escolha das duas figuras acima (03 e 04) para a exposição virtual vem destacar o uso do assunto e das orientações desenvolvidas em ambiente virtual. A aluna Tairis Brito (figura 04), estudante do oitavo ano, demonstrou um esforço para criar e explorar seu próprio cenário para fotos. Podemos ver em sua imagem o exercício de escolha do lugar, da busca pelo melhor ângulo, a observação da luz natural, para chegar em um ponto satisfatório para seu olhar fotográfico. No campo simbólico, podemos evidenciar o uso de um objeto muito particular de cuidado, de adorno do corpo, que, por um lado, podemos conectar com a busca do bem-estar. E esse objeto está em uma janela que oferece um vislumbre do externo, mesmo que a paisagem pareça ser um muro. Para nós uma possibilidade potente de discutir a poética da arte relacionada ao cotidiano humano. Nesse caso, um cotidiano forçado a se separar do contato social. O aluno João Pedro (figura 03), também estudante do oitavo ano, oferece para a lentidão do nosso olhar uma composição aparentemente simples, mas que nos oferece muito ao exercício do pensar. Dessa organização visual evidenciamos a imediata divisão horizontal que nos oferece um céu e um chão coberto de vegetais. Um conjunto de nuvens que recebem um tom de dramaticidade a partir dos tons de cinza. No primeiro plano, que ao seguir para o centro da imagem se confunde com a vegetação mais alta, encontramos a madeira de uma cerca construída com arames. Típica de grandes lotes, fazendas e sítios. No alto dessa madeira uma coruja buraqueira nos vê e parece nos olhar com a mesma atenção que buscamos os detalhes e construímos uma relação estética com essa fotografia. O pequeno animal, por conta de sua penugem, se confunde com as árvores que ocupam uma linha central e horizontal na composição. Formando uma espécie de relação gradual, se considerarmos a altura desses elementos. A coruja está no nível mais alto, centralizada e nos devolvendo o olhar perscrutador.

Figura 5: Marco Eugênio Gomes Junior, T1172, 2020. Fotografia digital.



Fonte: acervo Um olhar fotográfico.

A figura 05 é representativa de uma quantidade significativa de animais de estimação presentes nas fotografias. Destacamos, para além da busca de realizar as orientações técnicas e artísticas, a relação afetuosa dos alunos e seus animais domésticos. Consideramos que essa relação ficou mais explícita durante os exercícios propostos. Como se eles estivessem levando o cachorro, o gato, a galinha, o jabuti ou o passarinho para ser apresentado em um encontro na sala de aula presencial. Percebemos que o estudante Marco Eugênio na fotografia acima dedicou uma atenção especial para captar o carinho que ele sente pelo seu animal de estimação. Adornou com flores, centralizando-o na composição, mesmo tendo deixado de fora do foco as patas dianteiras de seu modelo. A imagem nos remete à captura de um momento de afeto. Nesse ínterim, um fato que nos chamou muito a atenção foi o registro que alguns alunos fizeram ao escrever um texto de apresentação, de defesa do seu trabalho. Em algumas das situações onde tinha um animal fotografado, os alunos o representavam como um modelo humanizado, com opinião e personalidade próprias. Nesses textos os estudantes informavam se os animais tinham gostado ou não de suas próprias fotografias. O que nos sugere, também, que para alguns estudantes o trabalho foi divertido e que puderam interagir com a fotografia nos espaços onde permanecem isolados, longe da socialização escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado final desse trabalho nos trouxe poéticas a partir do isolamento, do afeto, da solidão, da moradia, da proteção e do respiro (no sentido de estar vivo e, também, do alívio por ter seus familiares recuperados da enfermidade causada pelo novo coronavírus). Registros fotográficos dos alunos que podem representar alguns dos aspectos deste momento histórico de suas vidas e da vida de milhares de brasileiros. O isolamento social causou um impacto na Educação brasileira, nos forçando a refletir e construir outras possibilidades para a construção de conhecimento. O jovem estudante se viu em uma situação que o colocava como autônomo, em algumas situações, para organizar seu espaço e agenda de estudos. O Ensino Remoto, ainda, isolou o professor do contato físico com os alunos, resultando em situações onde a simples ação de abrir a câmera ocasionava um deslumbramento ao perceber que estávamos presentes na mesma sala. O afeto perpassou por todo o processo. Desde a escolha de fotografar um ente querido posando ou distraído em seus afazeres domésticos e brincadeiras, até a espera pela postagem do trabalho do colega para poder comentar e elogiar em um anseio que quer mais, de querer ampliar aquele espaço virtual de troca, de agitação. A solidão se destacou, também, nesse momento do fórum virtual. A fotografia serviu para mostrar aos colegas o espaço habitado e transformado pelo colega ao construir táticas para um olhar mais demorado e contemplativo para as coisas, as luzes, as pessoas, cores, animais e plantas, entre outros, que configuravam aquele lugar como uma identidade de apresentação daquele estudante. Muitas vezes a pergunta se repetia nos fóruns: É aí que você mora? Ou É aí que você está ficando? Enfim, um respiro em todos os sentidos que puderem representar a vivência, convivência e sobrevivência durante o isolamento social.

A curadoria resultou em uma exposição intitulada “Um Olhar Pibidiano Sobre as Experimentações Artísticas na Educação Básica” e é um importante documento visual que registrou o olhar cotidiano dos jovens estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais. Suas composições estão carregadas de signos e significados que nos servem como potente instrumento de reflexão e que também poderá servir como importantes registros artísticos sobre esses tempos para gerações futuras. A exposição apresenta cinquenta e oito imagens produzidas com e a partir da construção do conhecimento em arte, com candura, espontaneidade, alegria e pode ser visitada no endereço: <https://artenocapufr.tumblr.com/>.

Nessa proposta metodológica, a fotografia demonstrou, ainda, ser uma linguagem potente e sensível de ensino-aprendizagem em artes visuais, pois estimulou a percepção visual dos estudantes e os levou a experimentar a captura de imagens a partir de um olhar artístico, ampliando suas percepções acerca de seus contextos de sociabilidade. Alterando, taticamente, os ambientes de

convivência residencial e virtual, na medida da proposição de diálogos críticos sobre a produção do outro e de sua própria. Para os bolsistas do PIBID podemos destacar, também, a densa experiência de orientação de trabalho na educação básica, considerando todas as intempéries ocasionadas pela inserção de um ensino remoto para crianças e adolescentes e, por conseguinte, a possibilidade de projetar um processo de curadoria como ferramenta avaliativa no ensino de artes visuais. Ampliando as possibilidades de planejamento de aulas e projetos que possam construir conhecimento em arte com os envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERQUÓ, Paula Bruzzi. Arte e cotidiano: aproximações táticas. In **Arte e espaço: uma situação política do século XXI**. RENA, Natacha; OLIVEIRA, Bruno; CUNHA, Maria Helena (Orgs.). Belo Horizonte: Duo Editorial, 2016.

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

RUBINSTEIN, Daniel. Em direção à educação fotográfica. In CUNHA, Guilherme; VILELA, Bruno. **Espaços compartilhados da imagem: caderno de reflexões críticas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2015.

TIBURI, Márcia. **Aprender a pensar é descobrir o olhar**. Disponível em http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=26. Acesso em 02/08/2011.